

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**A TERRITORIALIDADE DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL EM
CASTANHEIRA: uma questão familiar**

Autora: Enedina dos Anjos Rodrigues

Orientadora: Prof^a Ms. Marina Silveira Lopes

JUÍNA/2010

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**A TERRITORIALIDADE DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL EM
CASTANHEIRA: uma questão familiar**

Autora: Enedina dos Anjos Rodrigues

Orientadora: Prof^a Ms. Marina Silveira Lopes

“Trabalho apresentado ao Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena, como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em Geografia.”

JUÍNA/2010

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

BANCA EXAMINADORA

Ms. Denise Peralta Lemes

Ms. Djalma Gonçalves Ramires

ORIENTADORA

Ms. Marina Silveira Lopes

AGRADECIMENTOS

A meu Deus por me ter acompanhado e conduzido neste desafio de superação e vitórias pelos obstáculos surgidos ao longo dessa caminhada.

A toda minha família pela força e incentivos em especial meus pais João e Maria por te direcionado caminhos a seguir.

A experiente Prof^a Orientadora Ms. Marina Silveira Lopes, pela força, paciência e grande conhecimento, para contribuição do meu trabalho monográfico.

A todos os professores que contribuíram ao longo de nossa graduação por compartilhar seus conhecimentos, mostrando nos novos horizontes a trilhar, em especial a Prof^a Ms. Denise Peralta Lemes e Prof^o Ms. Djalma Gonçalves Ramires por despertar em nós uma nova visão de mundo.

Aos meus amigos de faculdade pelo companheirismo durante esses três anos de estudos, pesquisas, passeios, alegrias, risos e choros, que juntos vivenciamos.

As minhas congratulações a todos os membros da igreja Presbiteriana que colaboraram para que esse trabalho se concretizasse..

DEDICATÓRIA

A minha filha Gabriela Dutra, que soube com paciência e compreensão entender minha ausência, nestes três anos em que alguns momentos de sua vida não estive ao seu lado.

Ao meu querido e amado esposo Celso Dutra que me incentivou e acreditou que eu superaria todos os obstáculos.

EPIGRAFE

“O homem vive da natureza, isto significa que a natureza é o seu corpo com o qual ele deve permanecer em processo constante, para não perecer. O fato de que a vida física e espiritual do homem se relaciona com a natureza não tem sentido senão o de que a natureza se relaciona consigo mesma, pois o homem é parte da natureza”.

(KARL MARX, 1968,p.20)

RESUMO

Nos últimos sessenta anos, o campo religioso brasileiro sofreu profundas transformações. As religiões evangélicas tiveram um aumento considerável dentro do território brasileiro. Como não poderia deixar de ser, o estado do Mato Grosso também, passou por essas mudanças. Quando dos primórdios da colonização se fez presente a igreja católica e em meados da década de 1970 e, com a chegada das igrejas protestantes e pentecostais, trazidos pelos novos colonizadores. O fluxo migratório que viabilizou tais alterações irradiou-se de diversas regiões brasileiras para Juína/Castanheira, permitindo um incremento significativo no campo religioso castanheirense. Os católicos e as religiões indígenas dividiram seus fiéis com as igrejas pentecostais e protestantes, as quais se espalharam no espaço geográfico do NO do estado. Dentro desse espaço geográfico, essas religiões promoveram territorialidades em base física de territórios delimitados por elas. Buscamos aqui entender a territorialidade da Igreja Presbiteriana do Brasil relacionando-se com o trânsito religioso e o proselitismo no município, desde sua instalação. A territorialidade em questão centra-se numa única família pioneira de Castanheira, não existindo assim, um trânsito religioso como também um proselitismo vindo por meio da igreja católica e ou de outras religiões que se sediaram no local.

Palavras-chave: Territorialidade, Igreja Presbiteriana, Família, Proselitismo, Trânsito Religioso.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Templo da Igreja Presbiteriana do Brasil.....	23
FIGURA 02: Prédio futura instalações do colégio presbiteriano.....	23
FIGURA 03: Placa de edificação do templo presbiteriano.....	24

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1. Geografia humana uma ponte para as relações culturais	11
2.2. Território: uma relação simbiótica entre poder e religião.....	13
2.3. Da resposta as vendas de indulgências católicas ao protestantismo contemporâneo	16
3. MATERIAL E MÉTODOS	18
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	19
4.1. História da Igreja Presbiteriana do Brasil em Castanheira	19
4.2. Território Físico e Território Simbólico: Castanheira e Igreja Presbiteriana, Histórias que se fundem.....	20
4.3. Territorialidade presbiteriana: a família Rios e os fiéis	24
5. CONCLUSÃO	27
6. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	29

1. INTRODUÇÃO

As mudanças no espaço geográfico são frutos das realizações humanas. As transformações ocorrem para atender os interesses do ser humano em diferentes situações. Dessa forma notamos que a cultura dos povos em cada época e espaço, utilizando diferentes utensílios, técnicas de habitação, modela a paisagem geográfica de acordo com as necessidades culturais mediadas pelo contexto religioso, a qual pode perceber que essas mudanças foram significativas ao longo da história.

Na Idade Média a igreja católica tinha domínio sobre todos os pensamentos. Após a Reforma Protestante, o catolicismo sofreu grande impacto e, assim, no decorrer da história, o campo religioso foi se transformando.

Nessa trajetória histórica, o Brasil também foi abarcado por essas mudanças. No começo do século XX adentraram em território brasileiro as religiões de cunho evangélico, dentre elas as presbiterianas e as pentecostais. Essas religiões confessionais alastraram-se pelas regiões, chegando ao Centro-Oeste, em Mato Grosso.

O Mato Grosso, na década de 1970, foi palco de grande fluxo migratório com o intuito de ocupar a Amazônia Legal¹, especificamente a sua porção NO recebeu vários migrantes vindos da região nordeste, sudeste e sul brasileira, reduto de presbiterianos, luteranos entre outros. Castanheira e os municípios adjacentes absorveram esse contingente populacional a partir da década de 1980 efetivamente.

O município de Castanheira sofreu transformações face o sincretismo instalado a partir desse contexto histórico. Essa dinâmica demográfica contribuiu de maneira significativa para as variações do campo religioso castanheirense. Em meados de 1986, a igreja católica que até, então, era única nesse território, estabelece fronteiras com os trabalhos missionários e com a chegada da família Rios que traz na sua bagagem os primeiros trabalhos de uma congregação, a qual em pouco tempo seria intitulada Igreja Presbiteriana do Brasil.

Nessa interação do espaço geográfico e a efetivação de um território presbiteriano, procurou-se entender a territorialidade traçada por essa igreja.

¹ Amazônia Legal é uma área que engloba nove estados brasileiros, dentre os quais o Mato Grosso se inclui, pertencentes à Bacia Amazônica consequentemente, possui em seu território trechos da Floresta Amazônica.

Pretendeu-se identificar o trânsito religioso promovido por um proselitismo via catolicismo. Constatou-se pela pesquisa de campo que tais movimentos não aconteceram, face a territorialidade da Igreja Presbiteriana do Brasil em Castanheira estar instaurada num contexto familiar, pois, em sua maioria seus membros são de uma única família. Esta detém a autonomia nessa territorialidade, tal comportamento configura-se numa igreja presbiteriana atípica em relação às demais do Mato Grosso.

Para a análise do tema proposto dividimos o trabalho em introdução, referencial teórico abordado em quatro tópicos: a geografia humana uma ponte para relações culturais, território: uma relação simbiótica entre poder e religião e da resposta as vendas de indulgências católicas ao protestantismo contemporâneo. No capítulo seguinte, trabalhamos o material e métodos que utilizamos para obtermos os resultados e discussões, conclusão e o referencial bibliográfico.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

É na geografia humana que se trabalham as relações sócio-culturais estabelecidas num dado espaço geográfico que se qualifica em território, com inúmeras territorialidades, principalmente, quando tratamos de territórios no campo da religião.

2.1. GEOGRAFIA HUMANA UMA PONTE PARA AS RELAÇÕES CULTURAIS

Em GOMES (1997), a definição da geografia é tida como o campo de relações entre sociedade e natureza é enfatizada com a imagem do homem-meio que dominou a reflexão geográfica na passagem do século, este homem visto enquanto espécie foi o que resultou na denominação da “Geografia Humana”, resultando na relação entre a condição social e cultural do homem. Assim, ela deve ser conduzida em uma base territorial, para que ela seja compreendida e explicada, com isso se tem a necessidade de relembrar fatos passados ou recorrer à História.

De acordo com CRISTOFOLETTI (1985), apud BARBOSA (2008), os princípios da geografia humana fazem desta uma ciência, pois tem no homem o ser que causa modificações no meio natural. Cria o espaço geográfico sobre uma base territorial, fruto de suas relações de trabalho num dado momento da história. Sob a égide da geografia humana encontra-se a geografia cultural, que para (CLAVAL, 2006) ela faz alusão à experiência que os seres humanos têm da Terra, da natureza e do ambiente, analisando a forma como eles a modelam para responder suas necessidades, seus costumes e aspirações em busca de compreender a maneira como aprendem a se definir, a construir sua identidade, formulando um espaço que ele possa se relacionar.

O conceito de CLAVAL alinha-se ao de MIKESEL e WAGNER (2007), no sentido de que a geografia cultural apresenta os aspectos da Terra, pois, em especial aqueles que sofrem alterações causadas pelo ser humano, essas identificadas nas marcas que cada povo deixa estabelecendo seus modos de vida e sua cultura.

Dessa forma, a cultura dentro da geografia cultural, é para o autor,

A soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas, e em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra (...). Eles têm em comum um estoque de técnicas de produção e de procedimentos de

regulação social que asseguram a sobrevivência e a reprodução do grupo. Eles aderem aos mesmos valores, justificados por uma filosofia, uma ideologia ou uma religião compartilhadas. (CLAVAL 2001 p.63 apud SILVA 2010 p.2).

Pode-se destacar que religião é uma manifestação do campo da cultura. Segundo WAGNER e MIKESELL (2007), cultura é a forma de classificar o conjunto das mais variadas características humanas que sempre tendem a serem diferentes as quais, se criam, preservam ou melhoram pela comunicação e colaboração entre indivíduos numa sociedade. Assim a religião esta no grupo dos padrões de comportamento, das crenças, das manifestações artísticas e intelectuais transmitidas coletivamente, e típicas de uma sociedade.

Quanto à religião, ela é uma manifestação que só pode ser vivenciada num dado espaço geográfico, mesmo porque, desde os primórdios o espaço geográfico fascinava o homem primitivo. Esse fascínio permitiu a sacralização de inúmeros acidentes geográficos que modelavam a paisagem. BURKERT (1996, p.36) afirma que “as formas básicas de comunicação com o sobrenatural não se desenvolveu num vazio”. Assim, o sobrenatural era inflamado pelo desconhecido do espaço circundante.

Religião, para GEERTZ (1978), é um sistema cultural que se caracteriza como um

(1) sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem da existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de factualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (GEERTZ, 1978, p.67).

O viéz do estudo da religião pela geografia é dado pela geografia cultural, no subcampo da geografia da religião. LOPES (2008) coloca que o objeto dessa disciplina são os fenômenos religiosos analisados num dado espaço geográfico, sendo este formado de relações coletivas e individuais nas mais variadas formas simbólicas mediadas pela cultura. Ela está envolta à interpretação espacial da prática religiosa ou do conjunto de objetos religiosos, evidenciando suas relações com elementos físicos e humanos.

A religião só pode ser praticada a partir de sua afirmação num território inserido no espaço geográfico.

2.2. TERRITÓRIO: UMA RELAÇÃO SIMBIÓTICA ENTRE PODER E RELIGIÃO

Para CORRÊA (2006), espaço geográfico está associado a uma porção específica da terra demarcada pela natureza ou por características que um determinado grupo humano deixou impressa.

RAFFESTIN (1993), em sua abordagem sobre território, estabelece para delimitá-lo há a necessidade de estar disposto no espaço geográfico, logo,

(...) O território se forma a partir do espaço, é resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (...) o ator "territorializa" o espaço (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

Aliada ao conceito RAFFESTIN (1993), o autor argumenta que território é "o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica (...)". (HAESBAERT, 2002, p.121)

Portanto, podemos dizer que o território pelas definições, é intermediado por relações poder, que perspassam pelo campo político, econômico e simbólico. Assim podemos afirmar que

"O poder corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em unísono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo, pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido. (...) No momento em que o grupo, de onde originara-se o poder (...), desaparece, 'o seu poder' também desaparece" (ARENDDT, 1985 p. 24, apud SOUZA, 2006 p. 80).

Entende se, por território como um determinado espaço onde o homem estabelece sua autonomia, impondo suas marcas de ocupação. As relações de poder que se estabeleciam em territórios, no que diz respeito a ampliação de fronteiras, permeiam as antigas civilizações, nas quais a área de ocupação se tornava um importante instrumento de manutenção, conquista e manifestação do poder.

Na contemporaneidade as características territoriais estrapolam o âmbito físico de fronteiras, como vimos elas penetram no campo do simbólico. E, dentro desse campo simbólico, inserem-se as manifestações culturais, sendo uma delas a religião.

Assim, esses territórios religiosos tendem a ser, uma vez que forem impressas inúmeras territorialidades. Segundo o autor "(...) a territorialidade se

inscreve sempre num campo de poder, não apenas no sentido da apropriação física, material (...) mas também imaterial, simbólica, identitária (...) dependendo do grupo social (...) afetiva”. (HAESBAERT 1997, p.65).

Já para SACK (1986) apud ROSENDAHL (2004), territorialidade é a melhor estratégia possível de manipular, controlar ou afetar recursos e pessoas num determinado espaço. Assim a territorialidade pode ser ancorada por relações de ação, estratégia e poder.

Na interação entre território e religiosidade ROSENDAHL (2007), enfatiza que a territorialidade religiosa é um conjunto práticas desenvolvidos por instituições ou grupos, com o intuito de se obter o controle de um território, no qual o poder do sagrado converge diretamente para uma identidade de fé e um sentimento de propriedade mútuo.

Portanto a religião pode ser individual e coletiva tendo um significado próprio para cada seguidor. Entende-se nesse contexto, que sagrado é tudo aquilo que sustenta o *axis mundi*² do fiel.

Na pluralidade religiosa que encontramos no Brasil, o axis mundi pode ser alterado no momento em que ocorre o trânsito religioso³ patrocinado por um proselitismo⁴ corpo a corpo e, virtude de uma melhora significativa da qualidade de vida, desde o campo material quando ao campo espiritual.

SANCHEZ (2010), relata que nas sociedades ocidentais, o pluralismo é uma característica constante em diversas esferas, apresentado pela liberdade de pensamento e de expressão, o pluralismo torna-se uma consequência fundamental. No campo religioso em questão, o pluralismo religioso é reflexo de dois fatores: existência da diversidade religiosa e reivindicação de liberdade religiosa. Nessa análise podemos resumir o pluralismo religioso como uma condição social própria de sociedades, onde não há monopólio religioso ou esse fenômeno tende a desaparecer.

² Axis Mundi: “Eixo do Mundo” o que as estruturas de tudo e de que o sagrado e o profano estão divididos (os pólos) Ex: Os pólos são o norte e o sul e o leste e oeste pólos são o sagrado e o profano que derivam dessa estrutura. (OTTO, 1957).

³ É a mudança de uma religião para outra, podendo ser confessional ou não.

⁴ Nesse contexto é o ato de converter pessoas para uma dada religião.

A cartase desse pluralismo desemboca num trânsito religioso, muitas vezes proselitista. O carisma emanado, muitas vezes, pelos pregadores evangélicos atua como indutor ao proselitismo. De acordo com GHISLANDI (2010), o carisma, de Weber, é uma forma pura de dominação legítima, portanto o carisma pode ser traduzido em poder. Assim, podemos identificar que o carisma é exercido por uma pessoa ou por um grupo que detém o maior poder aquisitivo. Um líder religioso carismático, seguindo a tipologia ideal proposta por Max Weber arrigimenta inúmeros seguidores.

COSTA (1987) citando FLORESTAN FERNANDES diz que a tipologia ideal proposta por Weber corresponde aos “conceitos sociológico construídos interpretativamente como instrumentos de ordenação da realidade”. A autora complementa essa ideia de FERNANDES ao explicar que o tipo ideal é previamente “construído e testado, depois aplicado a diferentes situações em que o cientista presume que dado fenômeno possa ter ocorrido. Na medida em que o fenômeno se aproxima ou se afasta de sua manifestação típica” COSTA (1987, p.65).

Percebe-se que o tipo ideal proposto por Weber não é um modelo almejado e muito menos fatos observáveis. É uma construção do pensamento, que auxilia o pesquisador, como uma categoria de análise.

Na *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Weber faz uma análise como esse segmento religioso influenciou a manutenção do capitalismo. COSTA (1987), coloca que uns dos principais aspectos para análise a partir dessa obra de Weber são:

A relação entre a religião e a sociedade não se dá por meios institucionais, mas através de valores introjetados nos indivíduos e transformados em *motivos* da ação social. A motivação do protestante, segundo Weber, é o trabalho, enquanto dever e vocação, como um fim absoluto em si mesmo, e não o ganho material obtido através dele.

O motivo que mobiliza internamente os indivíduos é consciente. Entretanto, os efeitos dos atos individuais ultrapassam a meta inicialmente visada. Buscando sair-se bem na profissão, mostrando sua própria virtude e vocação e renunciando aos prazeres materiais, o **protestante puritano** se adequa facilmente ao mercado de trabalho acumula capital e o reinveste produtivamente. COSTA (1987, p.66-grifo nosso).

Ressaltamos que dicotomia entre católicos e protestantes resvala-se no período da Baixa Idade Média. No qual encontramos o descontentamento dos fiéis com a maneira do catolicismo vigente na época.

2.3. DA RESPOSTA AS VENDAS DE INDULGÊNCIAS CATÓLICAS AO PROTESTANTISMO CONTEMPORÂNEO

A história da Reforma Protestante surge na Alemanha no século XVI, com as reformas religiosas, marcadas pelo descontentamento do catolicismo então estabelecido na época, entre uma das discordâncias a venda de indulgências para alcance da vida eterna. Os primeiros, desse movimento, passaram a ser conhecidos como luteranos, tendo como reformista Martinho Lutero (1483-1536), que deu um caráter sectário ao catolicismo.

Ressaltamos que em FILORAMO e PRANDI (1999), citando TROELTSCH coloca diferença entre igreja e seita

(...) a primeira é uma instituição à qual se pertence desde o nascimento, que tende à conversão de todos e está numa situação de constante compromisso circundante, a segunda nasce de uma separação polêmica da Igreja, não desce a compromissos com a sociedade, pelo menos na fase de *statu nascendi* tem um caráter exclusivo (pertence-se a ela por escolha e aceitação) e produz em seus adeptos um sentimento de regeneração espiritual. (FILORAMO; PRANDI, 1999, p.109-110).

A partir daí identificamos a espacialização do protestantismo na Europa. Para LOPES (2008), espacialização é o momento atual e circunstancial que dispõe, no espaço, dos mais variados elementos a fins de obter efeitos perceptivos e estéticos. Portanto, quando nos atemos às religiões, nos reportamos a maneira como essas estão distribuídas e se utilizam do espaço local.

Tempos depois, da dissidência luterana, surgiram seitas, que compuseram a segunda reforma, ou reforma suíça, com Ulrico Zuínglio, (1484-1531). Com a morte de Zuínglio, João Calvino (1509-1564), se torna o novo líder da segunda reforma protestante, através de suas obras, Calvino traçou os contornos básicos do presbiterianismo, tanto em termos teológicos quanto organizacionais.

O protestantismo das origens não estabeleceu um corte com o mundo medieval. Deste manteve a concepção patriarcal o senso do pecado, a mentalidade sexofóbica e a discriminação entre os sexos o caráter bárbaro do direito penal (...) as seitas – sobretudo as de derivação calvinista, como o puritanismo e o anabatismo⁵ - tiveram que enfrentar na base de uma ruptura já consumada, experiências politicamente, geograficamente mais variáveis; tiveram que lutar externamente para salvaguardar a própria autonomia e internamente, contra tendência, passada a fase carismática, de formação de lideranças estáveis e autoritárias (FILORAMO; PRANDI, 1999, p.111-112).

⁵ Anabatista - dissidência do anglicanismo da Inglaterra precursora da igreja batista.

Essas intercorrências políticas e geográficas abrigaram conflitos principalmente nas ilhas britânicas fazendo com que ocorresse um grande fluxo migratório para o Novo Mundo, especificamente Estados Unidos e Canadá.

No desenvolver do contexto histórico, foi nos séculos XVII e XVIII, que calvinistas emigraram para as colônias inglesas da América do Norte. Muitos deles abraçavam a teologia de Calvino, mas não a forma de governo eclesiástico presbiterial proposta por ele. Foi esse o caso dos puritanos ingleses que se estabeleceram na Nova Inglaterra.

Instaurada a territorialidade protestante na América do Norte espalhou-se por todo continente. No Brasil o protestantismo surge de duas formas: de imigração, na metade do século XIX, com a chegada de imigrantes alemães, em especial à região sul e o protestantismo de missão, através de missionários vindos do sul dos Estados Unidos e europeus.

O nome “igreja presbiteriana” vem da maneira como a igreja é administrada, ou seja, pelos de “presbíteros⁶” eleitos democraticamente pelas comunidades locais, são governadas por um “conselho” de presbíteros e estes oficiais também integram os concílios superiores da igreja, que são os presbitérios, os sínodos e o Supremo Concílio. Atualmente, a Igreja Presbiteriana do Brasil tem aproximadamente 3.840 igrejas locais, 228 presbitérios⁷, 55 sínodos⁸, 2.660 pastores, 370.500 membros comungantes e 133.000 membros não-comungantes (menores), estando presente em todos os estados da federação. (MATOS, 2010).

⁶ Presbíteros – docência da Igreja, funções privativas dos pastores (ministros): administrar os sacramentos; invocar a benção apostólica sobre o povo de Deus; celebrar o casamento religioso com efeito civil; orientar e supervisionar a liturgia da Igreja. Tem também os presbíteros regentes, que são os representantes imediatos do povo, por este eleito e ordenado pelo Conselho, para, juntamente com o pastor, exercer o governo e disciplina e zelar pelos interesses da igreja a que pertencer, bem como pelos de toda a comunidade, quanto para isso eleito ou designado.

⁷ Presbitérios – É o concílio constituído de todos os ministros e presbíteros representantes de Igrejas de uma região determinada pelo Sínodo.

⁸ Sínodo - É a assembléia de ministros e presbíteros que representam os Presbitérios de uma região determinada pelo Supremo Concílio. O Sínodo constituir-se-á de, pelo menos, três Presbitérios. Cinco ministros e dois presbíteros constituem número legal para funcionamento do Sínodo. SOUZA, (2009). Disponível em <www.eleitosdedeus.org/ipb> Acesso em: 15 out. 2010.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Para confecção desse trabalho fundamentou-se, primeiramente, no embasamento teórico mediante revisão bibliográfica.

Logo, após, realizamos as pesquisas bibliográficas para contextualização da temática apresentada. Buscamos informações do pastor para motarmos o perfil histórico da Igreja Presbiteriana do Brasil em Castanheira, uma vez que não existe nada publicado.

Utilizamos de máquina fotográfica para registro de imagens da igreja.

3.1. SAÍDA A CAMPO

Os referenciais teóricos e às análises em campo foram de fator indispensável para que esse trabalho se concretizasse, dando suporte à pesquisa.

Na primeira etapa foi conseguir a autorização do Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil para adentrarmos ao recinto sagrado para o levantamento de dados.

A terceira aconteceu para realizarmos entrevistas com os fiéis e com o pastor, foram feitas entrevistas abertas e com análises qualitativas para levantamento do histórico e demais informações.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4. 2. IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL

Segundo MATOS (2010), historicamente, a Igreja Presbiteriana do Brasil pertence à família das igrejas reformadas ao redor do mundo. Surgiu no Brasil em 1859, fruto do trabalho missionário da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos.

A história da Igreja Presbiteriana do Brasil divide-se em alguns períodos bem definidos (MATOS, 2010).

Da implantação (1859-1867). O surgimento do presbiterianismo no Brasil resultou do pioneirismo e desprendimento do Rev. Ashbel Green Simonton (1833-1867).

Da consolidação (1869-1888) Simonton e seus companheiros eram todos da Igreja Presbiteriana do norte dos Estados Unidos (PCUSA). Em 1869 chegaram os primeiros missionários da igreja do sul (PCUS): George Nash Morton e Edward Lane.

Eles fixaram-se em Campinas, região onde residiam muitas famílias norte-americanas que vieram para o Brasil após a Guerra Civil no seu país (1861-1865). Em 1870, Morton e Lane fundaram a igreja de Campinas e em 1873 o famoso, porém efêmero, Colégio Internacional. Os missionários da PCUS evangelizaram a região da Mogiana, o oeste de Minas, o Triângulo Mineiro e o sul de Goiás. O pioneiro em várias dessas regiões foi o incansável Reverendo John Boyle, falecido em 1892. (REVISTA PRESBITERIANA DO BRASIL, 2010, p.2).

Da dissensão (1888-1903), em setembro de 1888 foi organizado o Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil que assim tornou-se autônoma, desligando-se das igrejas-mães norte-americanas. O Sínodo compunha-se de três presbitérios (Rio de Janeiro, Campinas-Oeste de Minas e Pernambuco) e tinha vinte missionários, doze pastores nacionais e cerca de 60 igrejas. O primeiro moderador foi o veterano Reverendo Blackford. O Sínodo criou o Seminário Presbiteriano, elegeu seus dois primeiros professores e dividiu o Presbitério de Campinas e Oeste de Minas Gerais em dois; São Paulo e Minas (MATOS, 2010).

A disseminação para o restante do país ocorreu anos seguintes, com a organização (1932-1959). A partir das missões conhecidas como Sínodo, batizada Missão Sul: atuou no Paraná e Santa Catarina, fundindo-se com a Missão Central por volta de 1937 (MATOS, 2010).

Conforme FERREIRA (1992a), o primeiro trabalho missionário evangélico no Mato Grosso, Cuiabá foi por John W. Prince da “Missão Aliança Evangélica” (1897- 1899), além de pregar Evangelho, fundou uma Sociedade Geográfica, ficou muito conceituado, mas não conseguiu fundar qualquer trabalho permanente. Em

seguida veio o missionário Frederico Glass em 1901, permaneceu somente seis meses, este pregava ao ar livre e em sua residência, após a partida deste em fevereiro de 1903 chega o espanhol Camilo Roiz, este era Batista, e fez grandes trabalhos.

A chegada do Reverendo Franklin Graham em 14 de fevereiro de 1913 marca o início da obra presbiteriana no Mato Grosso, onde avançou o oeste do oeste visitando Rosário Oeste, Barra dos Bugres e São Roque, na Bolívia. Voltando da Bolívia visitou São Luíz de Cáceres, retornando a Cuiabá no começo de janeiro de 1914. Passou um ano nessa capital, celebrando cultos constantemente, à Rua Barão de Melgaço, 86 (FERREIRA, 1992a).

De acordo com FERREIRA (1992a), obra em Cuiabá cresceu, em 12 de outubro de 1920, foi organizada a igreja presbiteriana em Cuiabá, um dos presbitérios, Sr. João Alberto Dias, era filho do pioneiro Sr. João Pedro Dias, este embora continuasse a cooperar, recusou a candidatura a presbítero, por resistir costumes e formas presbiterianas, como por exemplo, o batismo infantil. Construiu-se logo o templo em 7 de setembro de 1921 foi lançada a pedra fundamental. Trabalhos conduzidos pela família Landes como a escola primária evangélica teve sua importância. Assim as ramificações para o restante do Mato Grosso aconteceu pela grande energia de vários missionários sempre com Philipe Landes à frente.

4. 2. TERRITÓRIO FÍSICO E TERRITÓRIO SIMBÓLICO: CASTANHEIRA E IGREJA PRESBITERIANA, HISTÓRIAS QUE SE FUNDEM

O nome do município teve origem do popular castanheiro ou castanha-do-pará, árvore de grande porte desta porção territorial amazônica e classificada como *Bertholletia excelsa*, da família das lecitidáceas. O nome Castanheira foi sugerido nome por ter tido muitos castanheiros no local onde está situada a cidade e também em toda a região (FERREIRA, 1997b).

A primeira missa foi celebrada pelo padre Duílio, no dia 23 de setembro de 1981. Apesar das dificuldades a comunidade progrediu economicamente. A Lei n.º 975 (1986), sancionada pelo governador Júlio Campos, criou o distrito de Castanheira, com território jurisdicionado ao município de Juína.

A Lei n.º 5.320 criada pelo deputado estadual Hilton Campos e sancionada pelo governador Carlos Gomes Bezerra, criou o município de Castanheira.

“Art.1º - Fica criado o município de Castanheira, desmembrado do município de Juína.

Art.2º - O município, ora criado, é constituído de um só distrito, o da Sede (...) (LEI MUNICIPAL, 1988).

Atualmente o município de Castanheira tem uma área de 3.704 km², que comporta o número de 8.231 habitantes (IBGE, 2010).

De acordo com o relato da entrevistada 4, em 1988, residiam no município de Castanheira as famílias do Sr. Matusalém de Jesus, Sr. Arrival Gonçalves Rios, Sr. Jabim Miranda Rios e Sr^a Jaira da Silva Ferreira Reis. Nessa época só havia a referência da casa do Sr. Matusalém onde fazia o trabalho da Escola Dominical localizada na avenida Gílio Rezzieri. Famílias que teve grande e tem grande importância o início do trabalho presbiteriano no município. No mesmo ano chegou ao município o Sr. Benedito José Santana.

No ano seguinte, 1989, mais cinco famílias pioneiras (Dilson Brasileiro Rios, Alcebiades Neto Figueiredo Rios, Alécio Gonçalves Rios, Dário Brasileiro Rios, e Erotides Nunes Rios), oriundas do Espírito Santo e Bahia aportam em Castanheira. O Presbítero Dário Brasileiro Rios, juntamente com seus familiares consegue materiais (madeira, sendo esta matéria prima farta na região) e constroem uma casa dando início aos trabalhos. Casa essa era localizada na rua dos imigrantes.

Relatos da entrevistada 3, durante vários anos os trabalhos foram voltados apenas como Escola Dominical (Estudo de domingo, estudo e ensinamentos bíblicos), sendo que os cultos oficiais eram regidos em Juína município a quarenta e sete quilômetros de distância e os fiéis com suas famílias relacionadas acima se organizavam e se deslocavam até o mesmo.

Conforme o entrevistado 2, a Igreja Presbiteriana do Brasil em Juína foi fundada em 14 de abril de 1985, fruto do trabalho missionário da JMN (Junta das Missões Nacionais). O responsável pela plantação da igreja em Juína foi o Reverendo Luciano Breher (pastor da igreja de Vilhena-RO), no ano de 1978, quando foi realizado o primeiro culto evangélico neste município, fontes secundárias que teve importância na formação da igreja as famílias Gonçalves, Santana e Gomes.

No ano de 1991 o trabalho da Igreja Presbiteriana começa a ser assumido por Juína como Congregação pelo Reverendo Carlos Chagas Gonçalves que visitou o município e fez a coligação entre os municípios. Geralmente o processo para a formação de uma Igreja Presbiteriana acontece quase que de igual modo, ou seja; primeiramente por um “ponto de pregação”, depois uma “congregação”, e por fim uma “igreja”.

Em 1992 a Igreja de Juína através do PRAF (Presbitério de Alta Floresta) até então Juína fazia parte desse presbitério, pede a solicitação para organização da Congregação de Castanheira. Conforme relatos do entrevistado 2 congregação é um espaço onde tem um quantidade de pessoas expressiva mas que não comporta a formação de um presbitério para organização de uma igreja.

Por meios dos requisitos do Manual presbiteriano jurisprudência e resolução, conforme o Art. 4º - A Igreja local é uma comunidade constituída de crentes professos juntamente com seus filhos e outros menores sob sua guarda, associados para os fins mencionados

§ 1º ficarão a cargo dos presbitérios, juntas missionárias ou dos conselhos conforme o caso, comunidades que ainda não podem ter governo próprio.

§ 2º essas comunidades serão chamadas pontos de pregação ou congregações, conforme o seu desenvolvimento, a juízo do respectivo concílio ou junta missionária.

§ 3º compete aos presbitérios ou Juntas missionárias providenciar para que as comunidades que tenham alcançado suficiente desenvolvimento se organizem em igrejas (MANUAL DE JURISPRUDENCIA DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, 2008, p.58).

Conforme artigo e requisitos para a intitulação de congregação para igreja têm que atender alguns requisitos básicos como o número mínimo de sessenta membros, liderança capaz (homem), formado de três ou quatro presbíteros e um financeiro suficiente para se manter, em torno de seis mil reais. No dia 09 de Abril de 1995 a Congregação de Castanheira foi organizada como Igreja, permaneceu ainda por quatro anos na rua dos imigrantes, e em 14 de março de 1999 foi inaugurado um grande templo, localizado na avenida Gílio Rezzieri, centro.



Figura 1: Templo da Igreja Presbiteriana do Brasil
Fonte: RODRIGUES, Enedina dos Anjos, 2010

As figuras 1 e 2 mostra o templo da Igreja Presbiteriana e as futuras instalações do colégio presbiteriano, o espaço geográfico onde foi construída era antes um terreno com uma construção comum, os membros da igreja compraram e construíram o templo, a área total ocupada é de 48 metros de largura por 40 metros de comprimento.



Figura 2: Prédio futura instalações Colégio Presbiteriano
Fonte: RODRIGUES, Enedina dos Anjos, 2010.

Pelas instalações do colégio, mostra-se mais uma incidência da territorialidade da igreja estuda, que perspassam pela educação e sistema de ensino.

A figura 3 nos traz a consolidação do território autônomo do presbiterianismo em Castanheira, por meio na placa inaugural para a edificação do templo,

manifestando os agradecimentos e votos de confiança ao Deus, cristão ocidental. Divindade suprema e única dogmatizado por essa instituição.

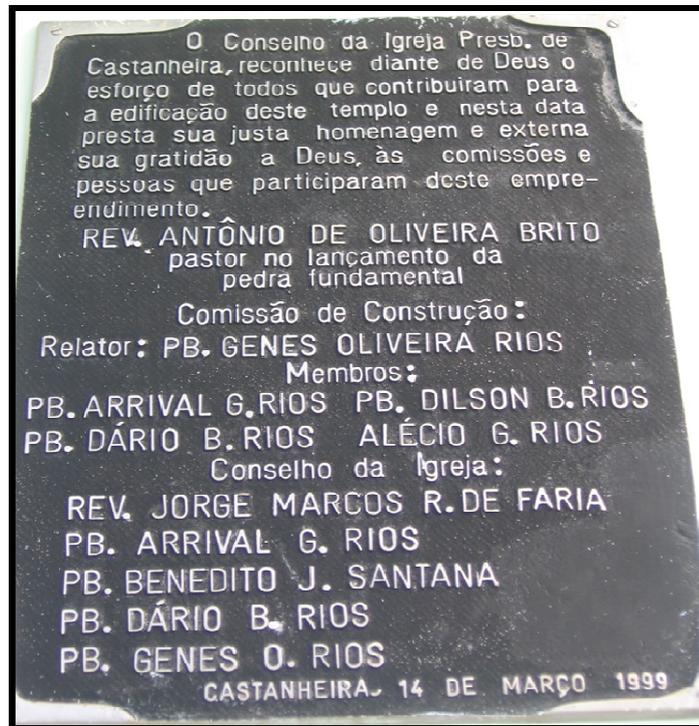


Figura 3: Futuras instalações Colégio Presbiteriano
Fonte: RODRIGUES, E. A, 2010

Para o entrevistado 4, a construção era um sonho de todos os membros. O templo foi erigido pela união de forças e sem medidas de esforços para atingirem o objetivo e consagrá-lo a Deus.

4.3. TERRITORIALIDADE PRESBITERIANA: A FAMÍLIA RIOS E OS FIÉIS

Quanto dos primórdios da formação do território presbiteriano, a família Rios tem origem da região sudeste e nordeste, segundo relato verbal da entrevistada 4 integrante da família Rios “fomos atraídos para região de Quatro Marcos/MT e Araputanga/MT pela produtividade e preços atrativos das terras. Em 1988, viemos para Castanheira, no ano seguinte chega mais cinco importantes famílias reforçando, as atividades presbiterianas já começadas.

Pela entrevistada 3, que não tem parentesco com a família Rios, migrou do Sul do país, relata que grande parte de sua família faz parte da igreja presbiteriana desde jovens, quando chegamos município era difícil os trabalhos pelo fato de ser só escola dominical e que a cada quinze dias iam para Juína.

Ambas entrevistadas 3 e 4, relatam a mesma frase, “ a religião faz parte da cultura, pois nos acompanha desde o nascimento, mudar de denominação não altera a fé, Deus está em todos os lugares”.

Para MIKESEL e WAGNER (2007), cultura é a forma de classificar o conjunto das mais variadas características humanas que sempre tendem a serem diferentes umas das outras, preservam ou melhoram pela comunicação e colaboração entre indivíduos numa sociedade.

Conforme analisamos na medida em que as famílias iam chegando e se fixava os trabalhos da igreja município, que antes, congregação, passou a Igreja Presbiteriana tomou forma sob as regras e objetivos da família Rios, que corresponde ao maior grupo, fazendo com que eles tenham maior autonomia neste espaço.

SOUZA (2006), conceitua território autônomo como sendo a autonomia a base do desenvolvimento num processo de estabelecimento da sociedade rumo a uma maior liberdade e menor desigualdade, assim o autor diz

Uma sociedade autônoma é aquela que logra defender e gerir livremente seu território [...] Uma sociedade autônoma não é uma sociedade sem poder [...] No entanto, indubitavelmente, a plena autonomia é incompatível com a existência de um “Estado” enquanto instância de poder centralizadora e separada do restante da sociedade. (SOUZA 2006, p. 106).

Assim, identificamos que a família Rios em relação aos demais membros é que retém maior autonomia nesse território religioso, visto na formação do presbitério da igreja, que tem a função de governo, disciplina e zelar pelos interesses da igreja a que pertencer, bem como pelos de toda a comunidade, quando para isso eleito ou designado, é formado por quatro membros, visto que todos lutam para que os fiéis permaneçam em total harmonia dentro desse espaço sagrado.

Conforme relatos da entrevistada 5, notamos o importante papel social que os fiéis cometem, como o envio de matérias para higiene pessoal para os seminaristas de Rondônia e Quatro Marcos/MT. Através de doações espontâneas os fiéis arrecadam durante todo o ano um valor para destinar ao hospital do câncer de Barretos/SP, a igreja ainda juntamente com seus fiéis sustentam um importante trabalho missionário de um pastor na África, país que sofre com muitas misérias. Além de muitos outros trabalhos de amparo social no município, este onde

permeiam muitas desigualdades, a igreja juntamente com seus fiéis sempre oferece esse amparo beneficente e espiritual.

Conforme a colocação do entrevistado 2, a territorialidade dos membros igreja presbiteriana ultrapassa os limites físicos do seu território, penetrando em todas as esferas da sociedade castanheirense, viabilizando uma representatividade significativa de força, que se comprova no comprometimento de desenvolver todos os trabalhos possíveis para consagrar todas as bênção recebidas pelo grande Deus.

O território religioso presbiteriano é demarcado pela a arquitetura de seu templo, diferenciado da arquitetura católica e pela influência simbólica exercida na comunidade, de maneira direta ou indireta. Nesse contexto ROSENDAHL (2007) ressalta a importância da compreensão do fenômeno religioso, para a interpretação da estratégia geográfica de controle de pessoas.

A partir dessa demarcação de estratégia no território presbiteriano castanheirense, podemos analisar o fato de não acontecer o trânsito religioso, esse fenômeno muitas das vezes acontece pela mobilização em recrutar novos membros, identificado a face do proselitismo, que não é praticado, pelo fato que essa igreja tem suas bases fixadas no conceito de que a mobilização da fé de cada indivíduo parte de cada um.

A construção do templo da igreja, no espaço na busca de esperança, solidariedade, paz e enfim uma vida melhor, busca tornar o território religioso seguro aos seus adeptos, representa o símbolo de identidade da fé, e, afirma-se como o espaço de liberdade, de união com o seu Deus. Assim a territorialidade religiosa mantém e preserva a comunidade religiosa, que por sua vez alimenta e legitima a Igreja em relação à outras instituições.

5. CONCLUSÃO

As religiões institucionais passaram por reformas ao longo da história. O protestantismo, iniciado por Martinho Lutero não foi diferente. Assistimos na contemporaneidade uma proliferação de cunho religioso. O Brasil traz como essa característica de pluralidade religiosa e, isso possibilita um intenso trânsito religioso.

O trânsito religioso se configura da passagem de uma religião para outra. Da Igreja católica para as protestantes e de protestantes para vertentes de outras protestantes. Muitas vezes esse trânsito se concretiza via o proselitismo.

No entanto durante a pesquisa a campo esse fato não foi identificado, por constatarmos que a territorialidade da Igreja Presbiteriana do Brasil no município de Castanheira tem uma significativa maioria, uma mesma origem familiar, mostrando-se completamente atípica em relação as demais igrejas do seu segmento.

Territorialidade esta estabelecida num território autônomo onde uma essa sociedade, tende a ser centralizadora da força, gerindo seu próprio território. Domínio esse que ficou visível, constatando que ultrapassa os limites físicos permeando em todas as esferas.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BARBOSA, Eva Faustino da Fonseca de Mauro. **ABORDAGEM DO SISTEMA: GEOGRAFIA FÍSICA X GEOGRAFIA HUMANA**, 2008. Disponível em <www.rc.unesp.br>. Acesso em 16 set. 2010.

BUKERT, Wagner. **A criação do Sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1996. p.11-41.

CAMPOS, Silas (org). **Manual presbiteriano jurisprudência e resolução do SC-ISP** Cultura Cristã - São Paulo, 2008.

CLAVAL, Paul. **Abordagens da Geografia Cultural**. In: CASTRO. Iná Elias et al (orgs). **Explorações Geográficas Explorações geográficas: percursos no fim do Século**. – 2ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. P.89-117.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO. Iná Elias et al (orgs). **Explorações Geográficas Explorações geográficas: percursos no fim do Século**. – 2ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 15-47

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia: Introdução à ciência da sociedade**. 1ª. Ed. São Paulo: Editora Moderna, 1987. p.71-88.

FERREIRA, Júlio Andrade. **HISTÓRIA DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL II**. 2ª ed: Casa Editora Presbiteriana – São Paulo, SP. 1992a.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Mato Grosso e seus Municípios**. Cuiabá: Secretaria de Estado e Cultura, 1997b.

FILORAMO, Giovanni e PRANDI, Carlo. **As ciências das religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GHISLANDI, Marco Aurélio. **A relação entre carisma e poder: a constituição de um território**, 2010. Disponível em www.geografia.ufpr.br>. Acesso dia 27 de nov. de 2010.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Geografia da religião: reconstruções teóricas sob idealismo crítico**, 2002. Disponível em <www.geografia.ufpr.br>. Acesso em 30 set. 2010.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia fin-de-siècle**: O discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In: CASTRO, Iná Elias et al (Org). **Explorações Geográficas Explorações geográficas: percursos no fim do Século**. – 2ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. P.13-43

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002, p.121.
 _____ . **Des-territorilação e identidade**: a rede gaúcha no nordeste Niterói, RJ: EdUFRJ, 1997.

LOPES, Marina Lopes, **SOB A SOMBRA DO CARVALHO**: a espacialização do imaginário neodruídico na metrópole paulistana, 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP.

MATOS, Alderi Souza. **História da Igreja Presbiteriana do Brasil**. Disponível em <www.ipb.com.br.>. Acesso em 22 set. de 2010.

MIKESELL, Marvin/ WAGNER, Philip. Os temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato/ ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 27-61.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SANCHES, W. L. **Pluralismo religioso: entre a diversidade e a liberdade**. Entrevista especial on-line, 2010. Disponível em <www.ihu.unisinos.br>. Acesso em 02 de Nov. de 2010.

SILVA, Gustavo Henrique de Abreu/ MARTINS, Josimane Maria Batista. **A história oral como conhecimento aplicado na pesquisa em geografia cultural, 2010**. Disponível em: <www.geografia.ufpr.br.>. Acesso em 30 set. 2010.

SOUZA, José Roberto. Conhecendo o governo da Igreja Presbiteriana do Brasil (2009). Disponível em <www.eleitosededeus.org/ipb> acesso em 15 de out. de 2010.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias et al. (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p.77-116.

População e extensão município de Castanheira – MT, 2010 <WWW.ibge.org.br/cidades. Disponível em 26 de nov. de 2010

ROSENDAHL, Zeny. O Sagrado e o Espaço. In: CASTRO, Iná Elias et al (orgs). **Explorações Geográficas Explorações geográficas: percursos no fim do Século.** – 2ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. pag.119-153.

_____. **Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião.** Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, 2004. Disponível em <www.comciencia.br>. Acesso em: 22 set, 2010.

_____. Espaço, cultura e religião: dimensões de análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato/ ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 187-224.